



**Escola Superior
de Educação**

Politécnico de Coimbra

***“O Sonic é de menina porque é cor-de-rosa”:*
promoção da igualdade de género em contexto de
Educação Pré-Escolar**

Departamento de Formação de Educadores e Professores

Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico

2024, Inês Filipa Silva Santos



**Escola Superior
de Educação**

Politécnico de Coimbra

Inês Filipa Silva Santos

“O Sonic é de menina porque é cor-de-rosa”: promoção da igualdade de género em contexto de Educação Pré-Escolar

Relatório Final de Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico,
apresentado ao Departamento de Formação de Educadores e Professores da Escola Superior
de Educação de Coimbra para obtenção do grau de Mestre

Trabalho realizado sob a orientação da Professora Doutora Maria Filomena Rodrigues Teixeira

novembro, 2024

Agradecimentos

Prestes a chegar ao fim esta etapa, quero agradecer a todos aqueles que contribuíram para que este processo se tornasse mais bonito, ajudando-me assim a acreditar que fosse possível concretizar um sonho de criança.

Agradeço à **Professora Doutora Filomena Teixeira**, que se mostrou sempre disponível com todo o apoio prestado, que me transmitiu conhecimento, confiou em mim e no trabalho que pretendia desenvolver. Muito obrigada pela sua dedicação e por acreditar no valor destas intervenções para tornármos o mundo melhor.

Ao meu **namorado**, que ao longo destes onze anos me apoiou incondicionalmente, por acreditar em mim (mais do que eu própria!), e principalmente, pela paciência que teve ao ouvir os meus desafogos.

À minha **família**, pela compreensão que sempre tiveram e por acreditarem que eu era capaz de terminar este percurso. Um agradecimento especial, ao meu **Pai**, que esteve ao meu lado fisicamente até partir para outro destino, que sempre me encorajou e foi em homenagem a ele que tive forças para chegar até aqui. Que estejas orgulhoso do caminho que percorri, foi dedicado a ti!

Às minhas **amigas**, por terem sempre uma palavra certa no momento certo, por me darem força para não desistir e fazerem-me acreditar que tudo era possível, mesmo nos momentos mais difíceis. Obrigada pela motivação inabalável!

Às **Educadoras** que se cruzaram no meu caminho. Em particular à **Educadora Filipa**, que me acolheu durante o estágio, obrigada por me transmitir conhecimento tão enriquecedor que com toda a certeza irei colocar em prática na minha carreira profissional.

Às **crianças** que participaram neste processo, pelo seu interesse, entusiasmo e disponibilidade. Sem elas, não teria sido possível e não teria tido o valor que teve.

Por fim, a todas as pessoas que não referi mas que contribuíram para a minha felicidade e me proporcionaram bons momentos.

A todos/as, muito obrigada!

***“O Sonic é de menina porque é cor-de-rosa”*: promoção da Igualdade de Género em contexto de Educação Pré-Escolar**

Resumo: A Educação Pré-Escolar tem um papel muito importante na formação de cidadãos e cidadãs do futuro. Assim, a igualdade de género é um tema que deve ser abordado, desde cedo, de modo a consciencializar as crianças para uma igualdade de oportunidades acessível a todas as pessoas.

O Relatório Final *“O Sonic é de menina porque é cor-de-rosa”*: promoção da Igualdade de Género em contexto de Educação Pré-Escolar” incidiu sob um grupo heterogéneo constituído por vinte e uma crianças, num Jardim de Infância situado em Coimbra. Esta intervenção surgiu da observação das brincadeiras das crianças, em que constatei que existiam alguns estereótipos de género, pelo queurgia intervir nesse sentido de forma a possibilitar a sua desconstrução. A duração da intervenção foi de aproximadamente um mês, estando dividida em três sessões, relacionadas com as diferentes temáticas: brinquedo preferido, tarefas domésticas e profissões. Teve como objetivos: conhecer as conceções de género de crianças de 4-5 anos; desconstruir estereótipos de género dessas crianças; conceber e desenvolver uma proposta de intervenção com crianças de 4-5 anos sobre os estereótipos de género, a fim de promover a igualdade de género.

Os resultados evidenciaram melhoria nas relações interpessoais das crianças, reconhecendo que os comportamentos estereotipados que tinham, evoluíram, tendo passado a respeitar os diversos gostos e preferências de cada um/a, nomeadamente ao nível dos brinquedos e/ou das brincadeiras realizadas. Foi ainda perceptível ter havido mudança nas conceções iniciais das crianças, no que respeita às tarefas ou profissões, que cada pessoa pode fazer – todos e todas podemos fazer tudo.

Conclui-se ser desejável intervir, desde o Jardim de Infância, na abordagem das questões de género, com vista a uma cidadania que se pretende ser, no futuro, respeitadora da igualdade entre mulheres e homens. Para isso, importa que temáticas como esta, constem dos planos de estudo da formação inicial de educadores/as e professores/as.

Palavras-chave: igualdade de género, Educação Pré-Escolar, estereótipos, identidade de género

***“Sonic is for girls because it is pink”*: promotion of gender equality in preschool context**

Abstract: Preschool education takes a big part in the development of the future citizens. Therefore, gender equality is a subject that should be considered, since an early age, to provide the awareness to the children for the equality of opportunities that should be available for everyone.

““Sonic is for girls because it is pink””: promotion of gender equality in preschool context” reports about a heterogeneous group of twenty-one children at a kindergarten located in Coimbra, Portugal. The topic arouses by observing the children’s behavior while playing, in which I could verify gender stereotypes. Consequently, an intervention in that direction was required to deconstruct these stereotypes. This intervention took place for approximately a month, divided by three sessions, in which a different thematic: favorite toy, household chores and professions. Leading to the following objectives: identify the gender conceptions of children aged four through five; idealize and develop a proposal of intervention with children aged four through five about gender stereotypes with the aim of promoting the gender equality.

The results highlighted an improvement in the interpersonal relationships of the children, proving that the children’s stereotyped behaviors have evolved positively, moved on to a mutual respect between all other likings or preferences, particularly with the toys or the playing each other enjoys the most. Lastly, a progress in the initial beliefs of the children was also noticeable, related with the household chores and the professions, since each children learnt that everyone could do it – all of us can do everything.

In conclusion, an early intervention, since kindergarten, in the gender equality subject is desirable, to provide the future with a respectful community about the equality between women and men. Although, to achieve this demanding request, study plans for the initial training of educators and teachers must be revised to include this matter.

Keywords: gender equality, Preschool Education, stereotypes, gender identity

Sumário

INTRODUÇÃO	2
CAPÍTULO I: ENQUADRAMENTO TEÓRICO	6
1. Igualdade de género, Direitos Humanos e Cidadania.....	8
2. Sexo e género.....	11
3. Identidade de género.....	13
4. Estereótipos de género.....	15
5. Tipificação dos brinquedos de acordo com o género.....	17
6. Importância dos/as educadores/as na promoção da igualdade de género em contexto pré-escolar.....	18
CAPÍTULO II: PERCURSO METODOLÓGICO	20
1. Enquadramento	22
2. Intervenção	22
3. Objetivos da intervenção	23
4. Participantes	23
5. Técnicas e instrumentos de recolha de dados.....	24
5.1. Observação direta.....	24
5.1.1 Notas de campo	24
5.2 Registos audiovisuais	25
a) Gravações de áudio.....	25
b) Registo fotográfico	25
5.3 Produções das crianças.....	25
5.4 Questionário	26
CAPÍTULO III: APRESENTAÇÃO DO PROJETO DE INTERVENÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	28
1. Apresentação do projeto de intervenção, análise e discussão dos resultados	30
1.1 Narrativa do projeto	30
1.1.1 Situação Desencadeadora.....	30
1.1.2 Atividades implementadas.....	31
Sessão 1.....	31
Sessão 2.....	34
Sessão 3.....	39

CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	48
APÊNDICES	54
Apêndice I: Organização da sala	55
Apêndice II: Atividades planeadas	58
Apêndice III: Imagens utilizadas na atividade das tarefas domésticas	61
Apêndice IV: “O que quero ser quando for grande”	64
Apêndice V: Questionário à Educadora Cooperante (preenchido)	69

Lista de abreviaturas

1. OCEPE - Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar
2. ESEC - Escola Superior de Educação de Coimbra
3. ENIND - Estratégia Nacional para a Igualdade e a Não-Discriminação 2018-2030 – Portugal + Igual
4. JI – Jardim de Infância

Lista de figuras

FIGURA 1	32
FIGURA 2	32
FIGURA 3	33
FIGURA 4	33
FIGURA 5	33
FIGURA 6	35
FIGURA 7	35
FIGURA 8	36
FIGURA 9	37
FIGURA 10	37
FIGURA 11	38
FIGURA 12	40
FIGURA 13	40
FIGURA 14	41
FIGURA 15	41
FIGURA 16	41
FIGURA 17	55
FIGURA 18	55
FIGURA 19	56
FIGURA 20	56
FIGURA 21	57
FIGURA 22	64
FIGURA 23	64
FIGURA 24	65
FIGURA 25	65
FIGURA 26	65
FIGURA 27	65
FIGURA 28	66
FIGURA 29	66
FIGURA 30	66
FIGURA 31	66
FIGURA 32	67
FIGURA 33	67
FIGURA 34	67
FIGURA 35	67
FIGURA 36	68
FIGURA 37	68

Lista de tabelas

TABELA 1	14
TABELA 2	31
TABELA 3	34
TABELA 4	37
TABELA 5	39
TABELA 6	58
TABELA 7	61

INTRODUÇÃO

A educação para a igualdade de género é um processo que decorre ao longo da vida, que tem início em casa e/ou no meio envolvente em que a criança está inserida. Muitos dos comportamentos que temos são aprendidos por observação de modelos nos processos de socialização. Nesse sentido, é crucial promover a Educação para a Igualdade de Género, desde o Jardim de Infância, capacitando os agentes educativos para a pertinência da sua abordagem (Vieira et al., 2023).

A presente intervenção surge no âmbito de um estágio curricular, realizado num contexto de Educação Pré-Escolar, que incide sob o tema da igualdade de género, com um grupo heterogéneo de 4 e 5 anos de idade.

A temática abordada resultou da observação de vários comportamentos estereotipados por parte das crianças, em relação às brincadeiras que tinham ou os brinquedos que preferiam, tipicamente “de menino” ou “de menina”. Uma vez que o Jardim de Infância tem um papel fundamental na educação e formação das novas gerações, promovendo uma sociedade mais justa e igualitária, urge começar a atuar aí, visando contribuir para a desconstrução de estereótipos. Surgiu assim a questão de partida: “Qual o efeito nas crianças de uma intervenção sobre estereótipos de género no Jardim de Infância?”, como objetivos: *i)* conhecer as conceções de género de crianças de 4 e 5 anos; *ii)* desconstruir estereótipos de género dessas crianças; e *iii)* conceber e desenvolver uma proposta de intervenção com crianças de 4 e 5 anos sobre os estereótipos de género, a fim de promover a igualdade de género.

O relatório que se apresenta está dividido em três capítulos. O primeiro diz respeito ao enquadramento teórico, onde se abordam diversos tópicos relacionados com a igualdade de género em contexto de Educação Pré-Escolar, nomeadamente, a igualdade de género, direitos humanos e cidadania, sexo e género, identidade de género, estereótipos de género, tipificação dos brinquedos e a importância dos/as educadores/as relativamente à temática. O segundo capítulo refere-se ao percurso metodológico, incluindo o enquadramento da intervenção, os e as participantes e os instrumentos e técnicas utilizadas. O terceiro capítulo apresenta a intervenção realizada. Nele são descritas as atividades elaboradas, a análise e a discussão dos resultados obtidos.

Por último surgem as considerações finais, nas quais se reflete sobre os aspetos importantes da intervenção realizada e se apresentam práticas a implementar no futuro profissional enquanto educadora.

CAPÍTULO I: ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1. Igualdade de género, Direitos Humanos e Cidadania

A igualdade é um dos princípios base que norteiam os Direitos Humanos e diz respeito aos “ideais dos direitos humanos, sociais, políticos, económicos, culturais, religiosos e de orientação sexual” (Lopes & Vicente, 2014, p. 15). Relativamente ao princípio da igualdade, compete a cada indivíduo lutar por ela, contribuindo assim para a promoção de uma sociedade mais consciente (Matos, 2021).

“Quando falamos de igualdade de género devemos ter em conta que a mesma significa que o acesso aos direitos e à liberdade deve ser igual independentemente do sexo.” (Viana, 2022, p. 4).

A educação para a igualdade de género, promove a igualdade de direitos e deveres de todos/as, através de uma educação livre de preconceitos e/ou estereótipos, visando as mesmas oportunidades educativas (Cabral, 2015).

De acordo com Marchão e Henriques (2017), a educação para a igualdade de género “assenta na educação para a cidadania, sobressaindo, neste caso, a desconstrução de estereótipos associados aos traços ou atributos de personalidade, relativos aos papéis desempenhados, às atividades profissionais ou às características físicas ou de apresentação/imagem de mulheres e de homens” (p. 699).

A educação para a igualdade de género enquanto dimensão educativa é “fundamental para a formação de cidadãos e cidadãs mais reflexivos/as e conscientes dos seus direitos e deveres, preparando as crianças para desempenharem um papel na construção de uma sociedade mais justa, solidária e respeitadora dos valores humanos.” (Duarte, 2013, p. 44).

A educação para a igualdade de género é, pois, um processo que decorre ao longo da vida, tendo início em casa e/ou no meio envolvente em que a criança está inserida, em diversas situações do quotidiano. Por isso, torna-se indispensável a abordagem desta temática no âmbito da educação para a cidadania, sendo fundamental “a formação e a consciencialização de todos os agentes educativos para a importância do género (...) desde os primeiros anos de vida das crianças” (Vieira et al., 2023, p. 54).

A promoção de uma maior igualdade de género é um elemento fundamental na educação para a cidadania e na construção de uma verdadeira democracia” (Cardona et al., 2015).

No dia-a-dia, a criança responde socialmente de acordo com o que assiste no meio que a rodeia, e é neste sentido que aprende a viver em função da realidade de género, compreendendo, assim, a maneira como "encara o seu meio social e o modo como ela própria se situa e se considera a si, bem como aos outros” (Marchão & Bento, 2012, p. 2).

No âmbito da educação para a cidadania, segundo Vieira et al. (2023), urge a abordagem desta temática no Jardim de Infância (JI), uma vez que é deveras importante para a consciencialização da relevância do género na modelação dos comportamentos de cada criança, desde os primeiros anos de vida.

A escola apresenta os modelos de relações de género veiculados pela sociedade onde está inserida, sendo estes habitualmente definidos pela discriminação das mulheres. Assim, é necessário promover uma igualdade de oportunidades para que o sistema educativo tenha, efetivamente, uma igualdade tanto para raparigas como para rapazes, e mais tarde, para mulheres e homens (Vieira et al., 2023).

A igualdade de ambos os sexos "é um objetivo social em si mesmo, essencial a uma vivência plena da cidadania, constituindo um pré-requisito para se alcançar uma sociedade mais moderna, justa e equitativa” (V Plano Nacional para a Igualdade de Género, Cidadania e Não-discriminação 2014-2017). De acordo com este plano, “é tarefa fundamental do Estado promover a igualdade entre mulheres e homens, sendo princípio fundamental da Constituição da República Portuguesa”. Um dos seus objetivos é reforçar a intervenção no âmbito da educação, nomeadamente, com a integração da igualdade de género sendo esta um dos eixos estruturantes das Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (OCEPE).

Em Portugal, a Lei de Bases do Sistema Educativo (Diário da República, 1986) remete-nos para o papel da escola na promoção da igualdade de oportunidades entre homens e mulheres. Afirma-se, nos princípios gerais, que é necessário “promover a democratização do ensino, garantindo o direito a uma justa e efetiva igualdade de oportunidades no acesso e sucesso escolares” (Lei n.º 46/86 - art. 2.º).

Os sistemas educativos, bem como todos os elementos que os integram, são responsáveis pelo desenvolvimento pessoal e social de cada indivíduo. Assim, a educação para a igualdade “deverá ser vista como um meio indispensável de promover a igualdade género, pois é através dela que as sociedades transmitem normas, saberes e competências” (Bento, 2011, p. 36).

Cardona et al. (2015) defendem que “(...) a promoção de uma educação inclusiva entre rapazes e raparigas é a base que não pode ser esquecida para a construção de uma verdadeira igualdade de oportunidades e de participação de todos/as.” (p. 96). A instituição educativa é um local de extrema importância para promover a educação para a cidadania. Para as autoras é importante “que educadores ou educadoras saibam reconhecer as situações, estejam atentos/as e saibam observar as brincadeiras e interações das crianças, reconhecendo-se a si próprios/as como sujeitos e veículos de preconceitos e estereótipos (...)” (Cardona et al., 2015, p. 62).

O JI deve ser inclusivo e por essa razão não deve veicular comportamentos ou práticas discriminatórias. É dos 3 aos 6 anos que as crianças são preparadas para a prática da cidadania, desenvolvendo “a aprendizagem da diversidade e da igualdade de oportunidades, da paridade entre os sexos, da diversidade de culturas, da responsabilidade social de cada pessoa em promover uma sociedade mais democrática e integradora” (Cardona et al., 2015, p. 59).

De acordo com Lopes & Vicente (2014), a cidadania é um processo no qual as pessoas partilham valores e normas de comportamento, tornando assim possível o relacionamento e a identidade coletiva. Para estas autoras, a cidadania não é apenas um direito que contribui para o bem-estar da sociedade, mas também deve garantir “os objetivos, as necessidades e os interesses dos/as diversos/as cidadãos/ãs” (p. 16).

O conceito de cidadania é um elemento fundamental para que possamos compreender melhor o lugar da escola na sociedade atual e ao mesmo tempo, ajustarmos a educação para a igualdade de género. (Henriques & Marchão, 2016).

No contexto de JI, a cidadania ativa é promovida através da desconstrução de estereótipos e da promoção da igualdade de oportunidades entre os diferentes géneros.

Assim, o conceito de cidadania, segundo Martins e Mogarro (2010), pode ser definido como:

(...) o conjunto de direitos e deveres do indivíduo que pertence a uma determinada comunidade, que passa a designar-se como cidadão. Recentemente, sobretudo nas sociedades democráticas, os autores enfatizam também a participação cívica, cultural e política (...) como dimensões inerentes ao conceito de cidadania e à necessidade de promoção de uma cultura de responsabilidade individual e social. Esta dimensão tem levado alguns autores a salientar a importância de uma educação na cidadania em vez de para a cidadania e a diferenciar a cidadania passiva (...) da cidadania ativa, entendida em simultâneo como direito e dever de participar na vida social e política da comunidade. (p. 187)

A cidadania, conforme Lopes e Vicente (2014), pode ser compreendida como “a participação consciente e responsável do indivíduo na sociedade” (p. 17), tendo sempre em conta os direitos e deveres da constituição de cada país.

Para Silva et al. (2016, p. 39), “lidar com as diferenças sem as transformar em desigualdades é um dos grandes desafios da educação na atualidade”. Assim, segundo as mesmas autoras, promover uma maior igualdade de género é fulcral para a educação para a cidadania e para a construção da democracia.

2. Sexo e género

Atualmente, há ainda quem confunda os dois conceitos, mas estes têm significados diferentes, apesar de terem influências mútuas para o desenvolvimento da criança na sociedade.

De acordo com Vieira et al. (2023, p. 22), o termo sexo pertence ao domínio da biologia e é “usado para distinguir os indivíduos com base na sua pertença a uma categoria biológica: sexo feminino e sexo masculino.” Por outro lado, o termo género pertence ao domínio das ciências sociais. De acordo com as autoras, género “é usado para descrever inferências e significados atribuídos a partir do conhecimento da sua categoria sexual de pertença. Trata-se, neste caso, da construção de categorias sociais decorrentes das diferenças anatómicas e fisiológicas.” (p. 22).

O conceito de género é uma das primeiras definições que a criança aprende e que irá contribuir para a construção e desenvolvimento da relação com os outros e com o mundo que a rodeia. Por isso, o género deve ser visto como um dos principais organizadores da construção do percurso de cada indivíduo (Cabral, 2015).

Segundo Vieira et al. (2023):

A manifestação de comportamentos típicos de género durante os primeiros anos de vida tende a preceder o desenvolvimento de uma compreensão sofisticada sobre o género, ou seja, sobre os modelos de masculinidade e de feminilidade culturalmente dominantes e a consolidação da identidade de género (...) sobretudo ao longo dos primeiros sete anos de vida. O grau de complexidade das explicações apresentadas pelas crianças para os comportamentos de género e para a avaliação dos mesmos em si e nas outras pessoas depende diretamente do desenvolvimento das capacidades intelectuais, as quais se tornam progressivamente mais complexas com a idade em ambos os sexos. (p. 31)

Para Vieira et al. (2023, p. 29), “(...) durante a infância a distinção entre os sexos remete para a prevalência, no pensamento da criança, de duas categorias básicas (binárias): a dos homens e das mulheres”, que se encontram diretamente ligadas a um processo de categorização social que tem como fundamento as diferenças físicas entre os sexos.

Pode assim afirmar-se que a cultura em que o indivíduo se insere, tem influência nas diferenças sociais dos sexos:

(...) o ser humano do sexo feminino não nasce mulher, mas torna-se mulher pela incorporação dos modos de ser, de papéis, de posturas e de discursos condizentes com o modelo de feminilidade dominante na cultura a que pertence. O mesmo poderá dizer-se a propósito da aprendizagem do que é ser homem por parte dos seres humanos que nascem do sexo masculino, os quais tendem a ser socializados de acordo com as características distintivas da masculinidade culturalmente preponderante da sua geração. (Vieira et al., 2023, pp. 22-23)

O género serve para determinar tudo o que é social, cultural e historicamente determinado. No entanto, nenhum indivíduo existe sem relações sociais, isto desde que nasce. Habitualmente ao referirmo-nos ao sexo, estamos a agir de acordo com o género associado ao sexo do indivíduo com o qual estamos a interagir.

3. Identidade de género

Ao identificarem-se social e culturalmente como sendo masculinos ou femininos, os indivíduos começam a construir a sua identidade de género. Esta é definida como um “conjunto de traços construídos na esfera social e cultural por uma dada sociedade” (Silva, 2006, p. 122) e está relacionada com o sexo biológico.

A identidade de género é fundamental no desenvolvimento da personalidade e a criança deve assumir um papel ativo na sua construção. É através dela que a criança se identifica com o género feminino ou masculino e assim são estimulados diferentes comportamentos e atitudes (Carlos, 2019).

A criança aprende a distinguir o que é aceite do que não é, integrando as normas da sociedade com aquilo que lhe é veiculado e também com aquilo que depreende dos gestos, expressões faciais ou atitudes das pessoas que a rodeiam (Penteado & Mendonça, 2011).

Conforme Alvanel (2015, p. 34), “a construção da identidade de género é o resultado da interação de fatores biológicos, sociais, culturais e cognitivos”. As crianças identificam

mais facilmente as diferenças exteriores do que as referentes aos órgãos genitais. É segundo essas diferenças que as crianças se incluem num dos grupos e se classificam como sendo do sexo masculino ou feminino (Alvanel, 2015).

Aos 2-3 anos de idade, as crianças já conseguem designar o seu género. Também a partir dessa idade e até aos 7 anos, começam a formar a sua identidade de género (Vieira et al., 2023).

Existem diversas teorias acerca da construção da identidade de género. De acordo com Silva et al. (2005) e Vieira (2006), apresentam-se na tabela 1, os pontos fulcrais das diferentes teorias: Teoria do Desenvolvimento Cognitivo, Teoria Psicanalítica e Teoria da Aprendizagem Social.

Tabela 1

Influência das teorias de desenvolvimento na construção da identidade de género

Teoria do Desenvolvimento Cognitivo (Kolhberg)	Teoria Psicanalítica (Freud)	Teoria da Aprendizagem Social (Bandura)
<ul style="list-style-type: none"> - A criança desempenha um papel ativo na construção do seu género; - A identidade de género da criança é consolidada enquanto se desenvolvem as capacidades intelectuais; - A criança define o que é adequado ou não para ela, em função do seu sexo. 	<ul style="list-style-type: none"> - A criança quer ser vista como a mãe ou o pai; - Identifica-se e imita o progenitor do seu sexo e reproduz os comportamentos que este tem (as meninas querem ser como a mãe e os meninos como o pai). 	<ul style="list-style-type: none"> - A criança adquire conhecimento proveniente do convívio com os que a rodeiam e ao seu meio envolvente; - Dá ênfase ao reforço e ao castigo que lhe é atribuído, em função do seu género. Apropria-se de comportamentos através desse reforço e do que vê nos modelos reais do mesmo género.

Nota. Silva et al. (2005); Vieira (2006)

4. Estereótipos de género

Os estereótipos definem aquilo que se espera de cada um dos sexos e influenciam os indivíduos quanto à sua participação na sociedade. Para Duarte (2013), os estereótipos são “ilações, acerca de grupos baseados na idade, nacionalidade, raça, género, classe social, profissão, entre outros” (p. 40).

Vieira et al. (2023) definem a conceção de estereótipos como “conjuntos bem organizados de crenças acerca das características das pessoas que pertencem a um grupo particular” (p. 35). Estas ideias pré-concebidas definem os modos e práticas que os indivíduos devem ter, tendo em conta o grupo a que pertencem.

Os estereótipos determinam o que o homem ou a mulher devem expor, seja a nível físico ou psicológico, isto é, “os indivíduos que se afastam das visões dominantes de masculinidade (o homem ‘choramingas’, por exemplo) e de feminilidade (a mulher ‘agressiva’, por exemplo) costumam ser alvo de julgamentos negativos por parte dos outros” (Vieira et al., 2023, p. 36).

A Estratégia Nacional para a Igualdade e a Não-Discriminação 2018-2030 – Portugal + Igual (ENIND) afirma que os estereótipos de género são uma das principais razões para a discriminação relativamente ao sexo, impedindo que haja uma igualdade entre homens e mulheres.

Assim, a ENIND incorpora planos de ação que estabelecem objetivos estratégicos e específicos até 2030, tal como medidas para serem executadas num primeiro período de quatro anos (2018-2021). Entre eles, está o objetivo estratégico “garantir as condições para uma educação e uma formação livres de estereótipos de género” (Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género, 2022, p. 32), que se divide em vários objetivos específicos, tais como: “promover uma educação escolar livre de estereótipos de género, para raparigas e rapazes”; “promover dinâmicas coletivas e organizacionais que garantam a vivência de relações de igualdade entre raparigas e rapazes, nas escolas e outras instituições educativas”; e por fim, “incentivar práticas educativas, não formais e informais, promotoras de relações de igualdade entre raparigas e rapazes”.

Segundo Martin et al. (1990, p. 14) como citado em Matos (2021, p. 32), existem três estádios de desenvolvimento dos estereótipos de género:

- “até aos 4 anos de idade, a criança aprende as características associadas a cada um dos géneros”;
- “dos 4 aos 6 anos de idade, a criança desenvolve associações mais difíceis e indiretas da informação que é proeminente para o seu próprio género”;
- “a partir dos 6 anos de idade, a criança aprende as associações relevantes para o outro género”.

Os estereótipos dividem-se em: “estereótipos relativos a traços de personalidade” (ex: agressividade/passividade); “estereótipos relativos aos papéis sociais” (ex: “chefe de família”/cuidadora); “estereótipos relativos à profissão” (ex: pedreiro/cabeleireira) e “estereótipos referentes às características físicas” (ex: musculado/ formas corporais arredondadas). São estes estereótipos mencionados que influenciam as atitudes e comportamentos dos indivíduos de ambos os sexos, formatando desde cedo a educação das crianças (Susan Basow, 1986, como citado em Vieira et al., 2023, p. 37).

Dos 3 aos 7-8 anos, Vieira et al. (2023, p. 40) acreditam que “as crianças já são capazes de perceber que as atividades e os comportamentos prescritos pelos estereótipos de género não são cruciais para que alguém possa ser considerado do sexo masculino ou feminino”. Ou seja, uma mulher pode não saber/gostar de cozinhar ou até realizar tarefas que supostamente competem ao sexo feminino e não é por essa razão que se irá sentir menos mulher do que as outras.

Os papéis que cada sexo tem, segundo a sociedade, são maioritariamente discriminatórios (Duarte, 2013). Essa discriminação é iniciada pelos pais, mães e/ou outros familiares que rodeiam a criança, nomeadamente quando preparam o espaço do bebé com roupas, cores e brinquedos, enquadrados nos estereótipos de género que vivenciaram (Lisboa et. al, 2023). Dado que a família mais próxima assume um papel fundamental na construção da identidade de género, é essencial que se eduquem as crianças de modo a evitar desigualdades.

Apesar das famílias assumirem um papel fundamental na educação das crianças, a escola é uma instituição que deve promover a desconstrução de estereótipos de género e de

práticas discriminatórias, criando espaços que permitam a reflexão e a discussão destes temas (Carlos, 2019).

Pode assim concluir-se, tal como Henriques e Marchão (2014, p. 532) que importa existir "um consenso generalizado sobre o caminho a seguir para, depois, os/as educadores/as proporcionarem as necessárias experiências de aprendizagem que permitam a desconstrução dos estereótipos de género e a promoção de uma cidadania ativa e tolerante".

5. Tipificação dos brinquedos de acordo com o género

O brincar contribui significativamente para o desenvolvimento das crianças, sendo uma forma de estimular a sua imaginação e capacidade de raciocínio. É através do brincar que cada indivíduo se desenvolve e forma a sua identidade (Tessaro & Jordão, 2007).

No dizer de Vieira (2007, p. 25), relativamente aos brinquedos, a literatura sugere que "quanto mais típicos de género são os brinquedos oferecidos às crianças, mais prematuramente elas começam a aprender as diferenças entre homens e mulheres e a dar provas da estabilidade do seu género".

A criança, ao brincar espontaneamente, adota as suas personagens preferidas, tendo tendência para as imitar. Se as personagens em questão possuírem padrões de comportamento estereotipados, a criança irá assimilá-los e exibí-los nas suas brincadeiras (Gomes, 2012).

Na mesma linha de pensamento, as famílias, habitualmente, têm tendência para diferenciar os brinquedos como sendo de menina ou de menino, mesmo antes das crianças nascerem. O tipo de brinquedos que lhes são oferecidos promovem diferenças, a longo prazo, entre rapazes e raparigas (Vieira, 2007). Essas diferenças não são apenas visíveis a nível cognitivo, mas também ao nível das tarefas que lhes são incutidas como sendo de mulheres ou de homens.

De acordo com Alvanel (2015, p. 36), a partir dos 2 anos de idade, as crianças começam a apresentar preferência por brinquedos estereotipados para o seu género. As meninas

tendem a preferir as bonecas e os meninos os carrinhos. Os brinquedos são o reflexo dos valores e atividades domésticas e profissionais das pessoas adultas. Às meninas são oferecidas bonecas, utensílios de cozinha, acessórios de maquilhagem para acentuar a sua feminilidade, enquanto os rapazes são presenteados com bolas, carros, camiões, jogos de guerra, de aventura e de construção, de modo a acentuar a sua masculinidade (Conseil du statut de la femme, 2010).

Entre os 3 e os 4 anos, as crianças já entendem melhor os objetos típicos do seu sexo. É de destacar que as crianças do sexo masculino, nestas idades, envolvem-se em jogos mais corporais e violentos e preferem atividades de grupo, já as crianças do sexo feminino têm preferência por brincadeiras de faz-de-conta, brincando com uma criança de cada vez (Alvanel, 2015).

6. Importância dos/as educadores/as na promoção da igualdade de género em contexto pré-escolar

É essencial que se estabeleça uma boa relação entre o/a educador/a e a criança, de modo que haja uma interação que contribua positivamente para a aprendizagem.

De acordo com as OCEPE, compete ao/à educador/a a promoção de interações positivas com as crianças e entre as crianças, assegurando aprendizagens cooperadas, designadamente através de momentos diferenciados em que possam brincar umas com as outras, sob a sua supervisão e atuação, se necessária (Silva et al., 2016).

É fundamental que o/a educador/a desenvolva atividades que promovam a curiosidade e o conhecimento de diferentes papéis, de forma que ambos os sexos brinquem nos diferentes espaços da sala e não estejam limitados a papéis específicos de meninas e meninos. Tal como refere Alvanel (2015, p. 32), “a prática do/a educador/a pode fazer com que as crianças se componham em grupos distintos de meninas e meninos”.

É essencial promover a igualdade de género desde cedo, de modo a possibilitar aprendizagens que não comprometam o futuro de cada criança ao experienciarem situações de desigualdade. Conforme Silva et al. (2016, p. 39), “compete ao/à educador/a desenvolver uma ação intencional, que conduza a uma efetiva igualdade de

oportunidades entre rapazes e raparigas, no processo de socialização experienciado no jardim de infância”.

Assim, tal como Cardona et al. (2015), considera-se ser deveras importante aproveitar todas as oportunidades para dialogar com as crianças sobre qualquer situação ou comportamento, uma imagem ou um livro, nomeadamente no que diz respeito à cidadania e/ou às questões de género.

CAPÍTULO II: PERCURSO METODOLÓGICO

1. Enquadramento

Abordar a temática da igualdade de género pode contribuir para a formação da identidade da criança. O desenvolvimento do tema, desde cedo, possibilita a desconstrução de estereótipos, que visam a igualdade de oportunidade. Por esse motivo, é fundamental educar as crianças, desde o Jardim de Infância, para a promoção da cidadania e particularmente, da igualdade de género.

A intervenção realizada decorreu num Jardim de Infância situado em Coimbra, com respostas sociais de creche, pré-escolar e Centro de Atividades de Tempos Livres. A instituição tinha como foco o desenvolvimento pessoal e social da criança, com vista ao seu sucesso educativo. O JI em questão, enquanto agente ativo na construção da cidadania, era reconhecido pela implementação de práticas pedagógicas inovadoras, assegurando uma formação de qualidade.

O espaço da sala onde foi realizada a intervenção estava dividido por áreas: *espaço de reunião do grupo, jogos de mesa, construções/jogos de chão, casinha do faz-de-conta e espaço de leitura*. As crianças tinham autonomia para brincar com o que mais lhe suscitava interesse, no momento, pois todos os espaços eram acessíveis para alcançarem o que pretendiam.

As famílias também se mostravam muito disponíveis e interessadas, mantendo sempre contacto com as educadoras, presencialmente ou através da aplicação que a instituição tinha, disponibilizando-se para participar em atividades que se realizassem, dentro ou fora da sala.

2. Intervenção

Enquanto estagiária, tentei perceber qual era a prática da educadora cooperante, desde as atividades desenvolvidas às aprendizagens das crianças, o que serviu de base para conhecer e interagir com o grupo e assim planear o trabalho a realizar com elas.

Deu-se início à intervenção, tendo sempre em conta o interesse e as necessidades das crianças, através da observação e do levantamento das suas conceções acerca do tema.

Em diversas brincadeiras, observei e fui registando as atitudes que tinham relativas à igualdade de género, percebendo assim que possuíam alguns estereótipos que precisavam de ser desconstruídos.

Foi através deste processo e, no decorrer da minha experiência de estágio, que se equacionou a seguinte questão de partida: Qual o efeito nas crianças de uma intervenção sobre estereótipos de género no Jardim de Infância?

3. Objetivos da intervenção

De forma a dar resposta à questão de partida, foram formulados os seguintes objetivos:

- a) Conhecer as conceções de género de crianças de 4 - 5 anos;
- b) Desconstruir estereótipos de género dessas crianças;
- c) Conceber e desenvolver uma proposta de intervenção com crianças de 4-5 anos sobre os estereótipos de género, a fim de promover a igualdade de género;

4. Participantes

Esta intervenção incidiu sobre um grupo heterogéneo, constituído por vinte e uma crianças, com idades compreendidas entre os 4 e 5 anos de idade, sendo catorze do sexo masculino e sete do sexo feminino.

A fim de perceber o contexto de cada criança foi feita a sua caracterização familiar. A média de idade dos pais era de 38 anos e a das mães era de 36 anos. A maior parte das crianças vivia com o pai e com a mãe ou com o pai, a mãe e irmãos/ãs. Apenas cinco tinham os/as pais/mães divorciados/separados. Seis das crianças eram filhas únicas. Quanto às áreas profissionais dos/as pais/mães, verificava-se a existência de uma grande variedade de profissões, que foram úteis para a dinamização de atividades com o grupo.

Ao longo da intervenção, as crianças revelaram interesse e curiosidade pelas atividades propostas, tendo sido notória a entreaajuda e cooperação entre todas.

5. Técnicas e instrumentos de recolha de dados

Na intervenção realizada, tendo em consideração o contexto educativo, recorreu-se principalmente à observação direta, mas também a notas de campo, tendo sido utilizados diversos instrumentos: o diário de bordo, registos audiovisuais (sendo estes a gravação de áudios e registos fotográficos), produções das crianças e questionário à educadora cooperante.

5.1. Observação direta

A observação direta, neste caso, com cariz participante, ocorreu durante toda a intervenção, permitindo delinear os objetivos e tomar decisões para ir ao encontro de respostas educativas mais pertinentes. Esta técnica é uma mais-valia visto que “observar o que as crianças fazem, dizem e como interagem e aprendem constitui uma estratégia fundamental de recolha de informação” (Silva et al., 2016, p. 13).

Observar dá-nos a possibilidade de entender o contexto e as pessoas que nele participam assim como as interações que estabelecem (Cabral, 2015). Nesta linha de pensamento, é importante “observar e registar como a criança interage com as outras crianças e adultos, que materiais prefere e como os utiliza” (Silva et al., 2016, p. 99). Registar esse processo, num diário de bordo, foi crucial para perceber como a criança se incluía no grupo e planear a minha prática.

5.1.1 Notas de campo

No decorrer das observações realizadas, foram sendo registadas notas do quotidiano, nomeadamente de atividades desenvolvidas ou de conversas entre crianças ou das crianças com as pessoas adultas (educadora cooperante e estagiária) que apoiaram a intervenção.

Tal como afirma Condinho (2018, p. 48), “as notas de campo são o registo detalhado e factual do que se observou”. As anotações que achei pertinentes, foram feitas, de forma discreta durante as atividades ou após a sua realização, num diário de bordo que

me acompanhou durante todo o processo, onde também refletia sobre aquilo que ia observando.

5.2 Registos audiovisuais

Continho (2018) refere que as “fotografias, vídeos ou registos áudio são técnicas de excelência, na medida em que capturam e armazenam as informações observadas, tornando possível a sua utilização sempre que o investigador necessitar, garantindo ainda a autenticidade da ação.” (pp. 51-52).

No decorrer da intervenção foram utilizadas:

a) Gravações de áudio

As gravações de áudio foram usadas aquando das interações das crianças, na realização das atividades propostas.

Para Castro (2010), as gravações de áudio são um instrumento bastante útil, visto que permitem o registo de conversas na íntegra, discussões e interações em grupo que se focam na linguagem verbal, possibilitando uma análise mais rigorosa e com um maior distanciamento, ajudando a uma reflexão sobre a prática.

b) Registo fotográfico

O registo fotográfico foi também um instrumento muito utilizado no decorrer das atividades dentro e fora da sala, com o objetivo de registar o envolvimento das crianças nos vários momentos do dia.

A fotografia é, portanto, um documento que engloba a informação visual que posteriormente irá servir de reflexão e análise às situações vividas pelas crianças (Cabral, 2015).

5.3 Produções das crianças

Os desenhos e outros registos das crianças constituem uma forma de evidenciar o trabalho que realizam. Estes foram um instrumento muito útil para diagnosticar os seus conhecimentos sobre o tema que estava a ser abordado e a forma como pensavam.

Segundo Silva et al. (2016, p. 69), “não podemos esquecer que o desenho é também uma forma de escrita e que os dois meios de expressão e comunicação surgem muitas vezes associados, completando-se mutuamente”, pelo que há que ter em conta estes trabalhos que tanto contribuem para o desenvolvimento da criança.

A utilização do desenho afeta de forma positiva o significado que a criança dá ao mundo, ajudando-a assim a compreender-se a si mesma (Edwards et al., 2016).

5.4 Questionário

Na recolha de informação, é geralmente utilizado o questionário ou a entrevista. Nesta intervenção, por questões de rentabilização do tempo, optou-se pela utilização de um questionário à educadora cooperante de modo a perceber a sua opinião relativamente à temática da igualdade de género e qual a importância da sua abordagem com crianças que frequentam a educação pré-escolar (Apêndice V).

Ao elaborar o questionário, tive o cuidado que as perguntas fossem de tipo misto (abertas e fechadas), na medida em que o seu propósito era “obter informações qualitativas para complementar e contextualizar a informação quantitativa” (Hill & Hill, 2008, p. 95).

CAPÍTULO III: APRESENTAÇÃO DO PROJETO DE INTERVENÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

1. Apresentação do projeto de intervenção, análise e discussão dos resultados

Este projeto foi realizado em 2023, durante aproximadamente um mês. Além das semanas de observação, contou com três sessões, cada uma com um tema distinto.

A sua elaboração foi pensada tendo em conta as características das crianças, obtidas mediante as observações feitas na fase inicial. Esta intervenção privilegiou sempre a participação ativa das crianças, tendo, a maior parte das atividades, sido realizada, em grande grupo, proporcionando a discussão e o debate das diversas ideias referentes ao tema da igualdade de género.

1.1 Narrativa do projeto

1.1.1 Situação Desencadeadora

No decorrer do estágio realizado, notei certos comportamentos estereotipados, relativamente às brincadeiras que as crianças tinham ou os brinquedos que preferiam, tipicamente “de menino” ou “de menina”.

Uma vez que o Jardim de Infância tem um papel crucial na educação e formação das novas gerações competindo-lhe promover uma sociedade mais justa e igualitária, senti necessidade de atuar e assim contribuir para a desconstrução dos estereótipos existentes no grupo de crianças com o qual estagiei.

O questionário feito à educadora cooperante serviu também para ter uma perspetiva do contexto daquela sala para assim poder atuar. Em seu entender, esta temática é *“fundamental e transversal que deve integrar o quotidiano do jardim-de-infância”*, no entanto, não tem *“formação específica e estruturada”* sobre a mesma e, habitualmente, não considera as questões de género nas suas planificações, a não ser em algo específico e direcionado para o que pretende.

1.1.2 Atividades implementadas

Sessão 1

A primeira sessão, realizada no dia 27 de abril de 2023, teve a duração de trinta minutos. O tema foi “Brinquedo preferido” e como recursos utilizados tivemos: um saco, cartolinas e os brinquedos das crianças.

Tabela 2

Objetivos e enquadramento nas OCEPE (Sessão 1)

<p>Objetivos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Desconstruir estereótipos em relação aos brinquedos; • Compreender que não existem brinquedos só para meninos ou só para meninas. 	<p>OCEPE:</p> <p>Área de Formação Pessoal e Social</p> <p>- Convivência democrática e cidadania</p> <ul style="list-style-type: none"> • Desenvolver o respeito pelo outro e pelas suas opiniões, numa atitude de partilha e de responsabilidade social; • Respeitar a diversidade e solidarizar-se com os outros.
---	---

Nota. Fonte própria

No dia anterior a esta sessão, foi solicitado às crianças que trouxessem de casa o seu brinquedo preferido. No dia seguinte, à medida que as crianças iam chegando, colocavam o brinquedo num saco preto grande (propositadamente preto para que não fosse possível ver o que estaria lá dentro).

Foram dispostas, lado a lado, três cartolinas: uma para os brinquedos de menina, outra para os de menino e por fim, uma cartolina para os brinquedos de ambos os sexos. (Figura 1)

Figura 1

Brinquedos de menino, menina ou ambos



Nota. Fonte própria

Cada criança, à medida que era chamada, retirava um brinquedo do saco e colocava na cartolina que considerava mais adequada, em concordância com o resto do grupo. Observei que as crianças possuíam alguns estereótipos de género, através das afirmações proferidas à medida que retiravam os brinquedos, como por exemplo “O Mickey é de menino porque tem cara de menino” ou “O Sonic é de menina porque é cor-de-rosa”. Todos concordaram pelo que não interferi na conversa.

Figura 2

Criança a retirar um brinquedo do saco



Nota. Fonte própria

O resultado da atividade é possível observar-se nas figuras que se seguem (Figura 3, 4 e 5).

Figura 3

Brinquedos para menino



Nota. Fonte própria

Figura 4

Brinquedos para menina



Nota. Fonte própria

Figura 5

Brinquedos para ambos



Nota. Fonte própria

Ao longo da intervenção, percebi que existiam estereótipos em relação a alguns brinquedos. De acordo com Alvanel (2015, p. 36), a partir dos 2 anos de idade, as crianças começam a apresentar preferência por brinquedos estereotipados para o seu género. Os peluches e as bonecas foram associados às meninas e o *Sonic*, sendo um brinquedo associado aos meninos, foi colocado nas meninas por ser cor-de-rosa. O mesmo se observou com os brinquedos de meninos, sendo estes os super-heróis, carros e também o *Mickey*, mas apenas por ter cara de menino.

A educadora cooperante, na resposta ao questionário sobre a temática, refere que “o ambiente educativo, materiais e oportunidades são disponibilizados a todos de igual forma, independentemente do género, tentando a equipa “contrariar” e explorar afirmações espontâneas das crianças como “essa saia não é dos rapazes” ou “as meninas só gostam de unicórnios”...”, no entanto, assume que existe discriminação de género no decorrer das atividades, em ambos os sexos.

Seguiu-se uma discussão com o grupo de forma que compreendessem que não há brinquedos para meninas ou meninos, todos e todas podem brincar com tudo.

Na discussão havida com as crianças para desconstruir estereótipos em relação aos brinquedos que haviam trazido para a sessão, perceberam que cada uma delas poderia brincar com o brinquedo que quisesse.

Por fim, fui perguntando ao grupo, se os brinquedos que estavam no lado das meninas e dos meninos, um a um, se poderíamos mudar para ambos os sexos ou se continuavam no

mesmo sítio. Prontamente afirmaram que se poderia mudar e acabaram todos/as a brincar com os brinquedos existentes, sem que se fosse notória a existência de qualquer estereótipo.

Sessão 2

A segunda sessão, realizada no dia 10 de maio de 2023, teve a duração de cinquenta minutos. O tema foi “Tarefas domésticas” e como recursos utilizados tivemos: um livro “O livro dos Porquinhos”, de Anthony Browne e imagens.

Tabela 3

Objetivos e enquadramento nas OCEPE (Sessão 2)

<p>Objetivos:</p> <ul style="list-style-type: none">• Desconstruir estereótipos em relação às tarefas domésticas;• Perceber que não há tarefas exclusivamente para homens/mulheres.	<p>OCEPE:</p> <p>Área de Formação Pessoal e Social</p> <p>- Convivência democrática e cidadania</p> <ul style="list-style-type: none">• Desenvolver o respeito pelo outro e pelas suas opiniões, numa atitude de partilha e de responsabilidade social;• Respeitar a diversidade e solidarizar-se com os outros.• Desenvolver uma atitude crítica e interventiva relativamente ao que se passa no mundo que a rodeia.
---	--

Nota. Fonte própria

Para dar início à intervenção, foi entregue uma imagem a cada criança que retratava uma tarefa doméstica (Apêndice IV). Seguidamente, cada uma tinha de dizer ao grupo o que estava representado na sua imagem e colocar na cartolina que achava mais adequada: se era uma tarefa apenas destinada à mãe, ao pai ou a ambos (Figura 7).

Figura 6

Cartolinas das tarefas domésticas



Nota. Fonte própria

Figura 7

Criança a colocar a imagem que lhe foi atribuída



Nota. Fonte própria

Enquanto colocavam as imagens na cartolina que, na sua opinião, correspondia a cada uma, foram afirmando: “A mim só é a mãe que faz isso” (A.), referindo-se a arrumar o quarto; “Só a minha mãe é que lava a roupa” (B.); “Em minha casa só a minha mãe é que limpa” (BJ.); “Algumas vezes o meu pai também põe a mesa e eu ajudo” (G.); “O meu pai não passa a ferro” (J.F); “Podem passar os dois a ferro porque quando estou em casa da mãe é a mãe que faz, mas quando vou para casa do pai, ele também faz” (C.).

Tal como a educadora cooperante refere na resposta ao questionário, as crianças demonstram discriminação de género em algumas atividades e/ou no decorrer do quotidiano, “essencialmente porque os modelos (neste caso os contextos familiares/sociedade) lhes transmitem essa discriminação”.

De forma a dar continuidade ao tema, realizou-se a leitura do livro “O livro dos Porquinhos”, de Anthony Browne (Figura 8), que retratava o dia-a-dia da vida doméstica de uma família, colocando em emergência as questões de igualdade de género e os papéis sociais da família partindo de estereótipos de género.

Figura 8

Leitura da história



Nota. Fonte própria

Após a leitura da história, uma criança teve uma afirmação interessante: *“Essa história é igual à minha mãe, porque ela faz tudo e eu e o pai só fazemos às vezes”* (J.G.), que serviu para dar início a algumas questões relacionadas com a história, de modo que elas fossem desconstruindo estereótipos:

Tabela 4

Registo da conversa realizada com as crianças sobre a leitura da história

Educadora Estagiária	Crianças
Quais são as personagens desta história?	<i>A mãe, o pai e os filhos.</i>
E o que fazia o Sr. Porcino?	<i>Trabalhava.</i>
E os filhos?	<i>Iam para a escola.</i>
Então e a Sra. Porcino?	<i>la para o trabalho.</i>
E antes de ir para o trabalho?	<i>Lavava a loiça, lavava o quarto, aspirava, fazia as camas, arrumava os brinquedos...</i>
E acham certo o que os filhos e o pai faziam?	<i>Não!</i>
Como se deve fazer então? É a mãe quem tem de fazer tudo?	<i>Devemos ajudar os outros. Ajudar a arrumar o nosso quarto, os nossos brinquedos, ajudar a cozinhar...</i>

Nota. Fonte própria

O resultado da atividade é possível observar-se nas figuras que se seguem (Figura 9 e 10).

Figura 9

Tarefas domésticas da mãe



Nota. Fonte própria

Figura 10

Tarefas domésticas do pai



Nota. Fonte própria

Durante a primeira atividade, em que as crianças tinham de dizer se era uma tarefa da mãe, do pai ou de ambos, percebi que existiam alguns estereótipos, a maior parte dos quais, relacionados com a experiência que vivenciavam em casa – aquilo que só viam a mãe ou o pai a fazer. No caso das crianças com pai e mãe separados, reparei que mencionavam que os pais faziam as mesmas coisas que as mães.

Percebi que as tarefas relativas à arrumação da casa são facilmente associadas à mãe, já lavar o carro (por exemplo), é apenas o pai a fazê-lo.

Depois da leitura, houve lugar à desconstrução de estereótipos pois perceberam que *a mãe ficava triste por ter de realizar todas as tarefas*. Assim, após perguntar se as tarefas que estavam somente do lado do pai ou da mãe, poderiam ser colocadas em ambos, foram afirmando que sim porque afinal todos poderiam fazer todas as tarefas e elas próprias também, com diferentes justificações: “*Sim, o meu pai também cozinha às vezes*” (S.); “*Os meus pais às vezes cozinham juntos*” (P.); “*O meu pai também faz isso e eu ajudo*” (L.); “*Podem fazer os dois porque quando estou em casa da mãe é a mãe que faz, mas quando vou para casa do pai, ele também faz*” (B.).

Figura 11

Tarefas domésticas de ambos os sexos após conversa em grupo



Nota. Fonte própria

Sessão 3

A última sessão, realizada no dia 18 de maio de 2023, teve a duração de uma hora (trinta minutos + trinta minutos). O tema foi “Profissões” e os recursos utilizados foram: cartolina, marcadores, folhas de papel e lápis de cor.

Tabela 5

Objetivos e enquadramento nas OCEPE (Sessão 3)

<p>Objetivos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Desconstruir estereótipos em relação às profissões; • Compreender que não existem profissões só para mulheres/homens. 	<p>OCEPE:</p> <p>Área de Formação Pessoal e Social</p> <p>- Convivência democrática e cidadania</p> <ul style="list-style-type: none"> • Desenvolver o respeito pelo outro e pelas suas opiniões, numa atitude de partilha e de responsabilidade social; • Desenvolver uma atitude crítica e interventiva relativamente ao que se passa no mundo que a rodeia. • Respeitar a diversidade e solidarizar-se com os outros.
---	--

Nota. Fonte própria

No dia anterior a esta sessão, perguntei às crianças quais as profissões que conheciam, tendo registado numa folha o que ia sendo dito, formando assim uma teia.

A atividade seguinte consistiu em solicitar às crianças que elaborassem um desenho sobre a profissão que gostariam de exercer quando crescerem. Podemos observar alguns desenhos nas figuras abaixo.

Figura 14

Desenho da criança D. (jardineiro)



Nota. Fonte própria

Figura 15

Desenho da criança I. (médica)



Nota. Fonte própria

Figura 16

Desenho da criança J. F. (bombeiro)



Nota. Fonte própria

Depois dos desenhos feitos, foram apresentados ao grupo, um a um, identificando sempre a criança que desenhou para se saber se era menina ou menino.

Posteriormente, foi feita a pergunta: “E se fosse um/a menino/a? Também poderia ter esta profissão?”. O seu propósito era desconstruir possíveis estereótipos em relação à temática. Foram feitas algumas afirmações pelas crianças, em que pude identificar estereótipos de género, como por exemplo: “*Só as meninas é que podem pintar as unhas*” (S.). Respondi que já tinha visto meninos com unhas pintadas, portanto se eles quiserem, podem pintar. Uma criança concordou dizendo “*se os meninos quiserem, podem pintar*” (Dv.). O diálogo prosseguiu, tendo sido possível observar em algumas crianças, a noção de igualdade de género, nomeadamente, através de afirmações feitas no decorrer da conversa que estabeleciam entre elas: “*Só há meninos astronautas porque eu nunca vi nenhuma menina*” (A.); “*Não, as meninas também podem ser astronautas*” (S.); “*Os meninos podem ser bombeiros e as meninas também*” (C.); “*A minha mãe é professora, mas também há professores*” (I.).

Quanto aos resultados desta intervenção, percebi que existiam alguns estereótipos relacionados com as profissões e por essa razão, tentei associar as imagens ao género das profissões mencionadas, sem dar qualquer ênfase inicialmente. Posteriormente, tivemos uma conversa em grande grupo, onde fui questionando se existiam só homens/mulheres nessas profissões.

A meu ver, a associação que as crianças faziam ao sexo masculino/feminino era fruto das suas experiências. Facilmente disseram que profissões como bombeiro/a, advogado/a, médico/a, dentista, educador/a, entre outros, eram tanto do sexo masculino como feminino, isto porque tinham conhecimento direto ou indireto da sua existência, não só por atividades realizadas na escola, como também no seu ambiente familiar.

Relativamente ao desenho que fizeram, depois de apresentados ao grupo, um a um, prontamente respondiam que meninos e meninas podiam exercer todas as profissões pois *cada um pode ser o que quiser, independentemente do sexo.*

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Abordar a temática da igualdade de género com as crianças foi uma mais-valia, tanto a nível pessoal como profissional pois “lidar com as diferenças sem as transformar em desigualdades é um dos grandes desafios da educação na atualidade” (Silva et al., 2016, p. 39). Esta abordagem permitiu-me construir novos conhecimentos e perspetivas diferentes, melhorando assim a qualidade da minha prática, a forma de pensar e de estar, num contexto de Educação Pré-Escolar.

Apesar da intervenção realizada ter sido num curto espaço de tempo, sinto que consegui alcançar os objetivos formulados inicialmente, de forma a consciencializar as crianças para um futuro melhor e sem discriminação, no que respeita aos brinquedos, às brincadeiras ou a qualquer outra situação que vivenciem. Pude concluir que as crianças começaram a ter uma perceção diferente sobre igualdade de género, através das observações que fiz das conversas após a intervenção.

Foi possível perceber, no decorrer da intervenção, mas também através do questionário à educadora (apêndice V) que, até então, no Jardim de Infância onde estagiei, não tinha sido abordada com as crianças a temática da igualdade de género.

Como refere Cabral (2015, p. 104), “a aposta na educação para a cidadania e igualdade de género deve constituir uma das maiores prioridades da aprendizagem e do ensino, contribuindo desta forma para a promoção da equidade social através da redução das assimetrias sociais”. A meu ver, para que os/as profissionais de educação possam contribuir para o desenvolvimento de uma cidadania respeitadora da igualdade entre homens e mulheres, necessário se torna que as questões da igualdade de género sejam incluídas nos planos de estudo da formação inicial de educadores/as e professores/as, mas também na formação contínua.

Refletindo sobre a intervenção que realizei, apercebi-me que eu própria, apesar de estar consciente da existência de estereótipos e da necessidade da sua desconstrução, desde cedo, veiculei, inconscientemente, estereótipos aquando das imagens que selecionei para a primeira atividade realizada com as crianças. Assim, na sessão 1, tive preocupação em recorrer a imagens de uma menina e de um menino que não vestissem de rosa (menina) e azul (menino). Já a finalizar este relatório, aquando da análise da tarefa que lhes tinha proposto (do brinquedo preferido), reparei que nas referidas imagens tão

“cuidadosamente” escolhidas, era notória a existência de estereótipos ligados à postura, sendo que a menina se apresentava inclinada com um gesto considerado tipicamente feminino. O mesmo não acontecia relativamente ao menino. Concluo que mesmo de forma inconsciente, alguns estereótipos estão tão enraizados em nós que nem nos apercebemos deles.

Com a minha intervenção, espero ter contribuído positivamente para a educação das crianças com quem trabalhei. Na minha perspetiva, importa que educadores/as diversifiquem as suas práticas, trabalhando a educação para a cidadania desde o Jardim de Infância, visto que é deveras importante para a consciencialização da relevância do género na modelação dos comportamentos de cada criança, desde os primeiros anos de vida (Vieira et al., 2023). É também necessário que a prática docente atenda às vivências das crianças e ao meio onde estão inseridas, articulando as suas aprendizagens com as famílias, de modo a permitir a ligação entre a instituição e a comunidade.

Apesar de ser difícil quebrar estereótipos de um dia para o outro, torna-se necessário percorrer esse caminho. Enquanto futura educadora, tendo ainda muitos obstáculos pela frente, acredito que existirá retorno a cada passo dado para a construção da igualdade de oportunidades para todos e todas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alvanel, A. M. P. (2015). *O jogo simbólico e a construção da identidade de género*.
<https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/9180/1/Ana%20Margarida%20Penha%20Alvanel.pdf>
- Cabral, V. D. J. C. (2015). *Educar para a cidadania através de práticas de igualdade de género na Educação Pré-escolar*. Portalegre
<https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/14269/1/Disserta%3%a7%3%a3o%20-%20Ver%3%b3nica%20Cabral.pdf>
- Cardona, M. J., Nogueira, C., Vieira, C., Uva, M. & Tavares, T. (2015). *Guião de Educação, Género e Cidadania – Pré-escolar*. Lisboa: Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género.
https://repositorio.ipsantarem.pt/bitstream/10400.15/2199/1/398_15_Guiao_Pre_escolar.pdf
- Carlos, B. N. (2019). *A educação para a (des)igualdade de género: o papel da educação na (re) produção dos estereótipos de género*.
<https://run.unl.pt/bitstream/10362/89283/2/Disserta%3%a7%3%a3o%20Beatriz%20Carlos%20%28vers%3%a3o%20revista%29.pdf>
- Castro, C. (2010). Características e finalidades da investigação-ação.
<https://cepealemanha.wordpress.com/wp-content/uploads/2010/12/ia-descric3a7c3a3o-processual-catarina-castro.pdf>
- Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género (2022). *Estratégia Nacional para a Igualdade e Não Discriminação (ENIND): Relatório Final de Monitorização 2018-2021*. https://www.cig.gov.pt/wp-content/uploads/2023/07/ENIND_relatorio-final_2018-2021.pdf
- Condinho, M. (2018). *O tempo das transições: os momentos de transição entre as rotinas diárias na educação de infância*. <http://hdl.handle.net/10400.26/25519>

Conseil du statut de la femme (2010). *Entre le rose e le bleu: stéréotypes sexuels et construction sociale du féminin et du masculin*. Conseil du statut de la femme.
<https://www.csf.gouv.qc.ca/wp-content/uploads/etude-entre-le-rose-et-le-bleu.pdf>

Diário da República (1986). *Resolução do Conselho de Ministros n.º 8/86 – Criação da Comissão de Reforma do Sistema Educativo*.
<https://diariodarepublica.pt/dr/legislacao-consolidada/lei/1986-34444975>

Diário da República (2018). *Resolução do Conselho de Ministros n.º 61/2018 - Estratégia Nacional para a Igualdade e a Não Discriminação 2018 -2030*.
https://www.defesa.gov.pt/pt/comunicacao/documentos/Lists/PDEFINTER_DocumentoLookupList/20180110_Estrategia-Nacional-para-a-Igualdade-e-a-Nao-Discriminacao-2019-2030-Portugal-mais-Igual_RCM-2-2018.pdf

Duarte, J. P. T. (2013). *Promoção da igualdade de género na educação pré-escolar através do guião de educação, género e cidadania*.
https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/5092/1/Joana%20Duarte_Disserta%c3%a7%c3%a3o_Relat%c3%b3rio.pdf

Edwards, C., Gandini, L., Forman, G. (2016). *As cem linguagens da criança*. Penso Editora.

Gomes, V. R. V. (2012). *A promoção da igualdade de género com recurso à atividade lúdica-uma experiência com crianças de educação pré-escolar*.
<https://repositorio.ipcb.pt/bitstream/10400.11/1500/1/Relat%c3%b3rio%20de%20Est%c3%a1gio.pdf>

Henriques, H., & Marchão, A. J. (2016). *Educação para a igualdade de género: leituras a partir da realidade de cinco jardins de infância do distrito de Portalegre*. 339-360.
<https://www.forodeeducacion.com/ojs/index.php/fde/article/view/452>

Hill, M. & Hill, A. (2008). *Investigação por questionário*. 2ª Edição. Edições Sílabo.

- Lisboa, P., Santos, M. J. S. P., & Menino, H. A. (2023). *Os estereótipos de género numa turma do 1.º ano de escolaridade*. *Revista Conhecimento Online*, 2, 3-21. <https://periodicos.feevale.br/seer/index.php/revistaconhecimentoonline/article/view/3390/3180>
- Lopes, A. & Vicente, M. J. (2014). *Guia para Facilitadores/as sobre Direitos Humanos e Cidadania*. [Guia para facilitadores\(as\) Direitos Humanos e Cgêidania.pdf](#)
- Marchão, A. & Bento, A. (2012). *Promoção da igualdade de género - Um estudo em contexto de educação pré-escolar*. https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/4117/1/Amelia%20March%c3%a3o_Alexandra%20Bento.pdf
- Marchão, A., & Henriques, H. (2017). *Igualdade de género: uma reflexão crítica a partir do jardim de infância*. 697-704. https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/21132/1/AM_HH%2c%202018%2c%20incte17_atas.pdf
- Martins, M. J., & Mogarro, M. J. (2010). *A educação para a cidadania no século XXI*. <https://rieoei.org/historico/documentos/rie53a08.pdf>
- Matos, F. P. (2021). *Igualdade de género: Intervenção dos educadores na educação pré-escolar*. Porto http://repositorio.esepf.pt/bitstream/20.500.11796/2966/1/Relato%CC%81rio%20de%20Esta%CC%81gio_%C3%BAltima%20vers%C3%A3o.pdf
- Oliveira, C. S., & Mendes, A. (2017). *Brincar ao género: Socialização e igualdade na educação pré-escolar*. pp. 167-186. <https://exaequo.apem-estudos.org/files/2017-12/10-catarina-sales-oliveira-andreia-mendes.pdf>
- Penteado, C., & Mendonça, A. (2011). *A identidade de gênero no jardim de infância – Que construção social?* <https://people.web.uma.pt/alicemendonca/2010.pdf>

- Silva, A., Araújo, D., Luís, H., Rodrigues, I., Alves, M., Rosário, M., Cardona, M. J., Campiche, P., Campiche, J., & Tavares, T. (2005). *A Narrativa na Promoção da Igualdade de Género. Contributos para a Educação Pré-Escolar*. Cadernos de Coeducação. Comissão para a igualdade e para os Direitos das Mulheres.
- Silva, I., Marques, L., Mata, L. & Rosa, M. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação (DGE) [Orientacoes_Curriculares.pdf \(mec.pt\)](https://www.dge.gov.pt/Portals/0/Orientacoes_Curriculares.pdf)
- Silva, S. G. (2006). *A crise da Masculinidade: Uma crítica à Identidade de Género e à Literatura Masculina*. Psicologia Ciência e Profissão. <https://www.scielo.br/j/pcp/a/hvgrgfhvbYX4tpGHHYXdWks/?format=pdf&lang=pt>
- Tessaro, J. P., & Jordão, A. P. M. (2007). *Discutindo a importância dos jogos e atividades em sala de aula*. 1-14. <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0356.pdf>
- Viana, F. A. S. R. (2022). *Estereótipos e igualdade de género em educação pré-escolar*. Universidade do Algarve
- Vieira, C. (2006). *É menino ou menina? Género e educação em contexto familiar*. Almedina.
- Vieira, C. C., Nogueira, C., Henriques, F., Marques, F. M., Vicente, F. L., Teixeira, F., Coelho, L., Duarte, M., Loureiro, M. H. D., Silva, P., Monteiro, R., Tavares, T. C., Pinto, T., Toldy, T. & Ferreira, V. (2023). *Conhecimento, Género e Cidadania no Ensino Secundário*. 1.ª edição. Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género.
- Vieira, C. M. C., Rui, J., & Portugal. (2006). *Educação familiar: estratégias para a promoção da igualdade de género*. <https://literacias.net/bibliodigital/download/238/Educacao%20Familiar%20-%20Estrategias%20-%20Cristina%20Maria%20Coimbra%20Vieira.pdf>

APÊNDICES

Apêndice I: Organização da sala

Figura 17

Espaço de reunião



Nota. Fonte própria

Figura 18

Cantinho da leitura



Nota. Fonte própria

Figura 19

Jogos de mesa



Nota. Fonte própria

Figura 20

Construções/jogos no chão



Nota. Fonte própria

Figura 21

Casinha do faz-de-conta



Nota. Fonte própria

Apêndice II: Atividades planeadas

Tabela 6

Atividades planeadas

Atividades	Descrição das atividades	Recursos	Enquadramento (OCEPE)
Entrevista à Educadora	Será feita uma entrevista à educadora de modo a entender a sua opinião relativamente ao tema da igualdade de género e qual a sua importância nas crianças que frequentam o ensino pré-escolar.	- Gravador;	Área de Formação Pessoal e Social - Construção da identidade e da autoestima
Brinquedo preferido	É solicitado às crianças que tragam de casa o seu brinquedo preferido, que irá ser colocado num saco grande. Existem 3 cartolinas: uma para os brinquedos de menina, outra para os de menino e por fim, uma cartolina para os brinquedos de ambos os sexos. Cada criança, retira um brinquedo do saco e coloca na cartolina que acha mais adequada, com a concordância do resto do grupo.	- Saco; - Cartolinas; - Brinquedos.	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer e aceitar as suas características pessoais e a sua identidade social e cultural, situando-as em relação às de outros.

<p>Leitura do livro “O livro dos Porquinhos”, de Anthony Browne</p>	<p>Para dar início à intervenção, será feita a leitura do livro em questão, que retrata o dia-a-dia da vida doméstica de uma família, colocando em emergência as questões de igualdade de género e os papéis sociais da família partindo de estereótipos de género.</p>	<p>- Livro “O livro dos Porquinhos”, de Anthony Browne</p>	<p>- Convivência democrática e cidadania</p> <ul style="list-style-type: none"> • Desenvolver o respeito pelo outro e pelas suas opiniões, numa atitude de partilha e de responsabilidade social. • Respeitar a diversidade e solidarizar-se com os outros.
<p>Tarefas em casa</p>	<p>Num cartão em tamanho A1, que estará dividido em três colunas (mãe, pai e ambos), vão ser afixados bocados de velcro para que as crianças, segundo as imagens apresentadas, as coloquem onde lhes parece melhor. Se é uma tarefa só para as mães, só para os pais ou para ambos.</p> <p>Posteriormente, será feita uma conversa em grande grupo para desconstruir estereótipos em relação ao tema e fazer perceber que todos podem fazer todas as tarefas.</p>	<p>- Cartão; - Velcro; - Imagens;</p>	

<p>Teia das profissões</p>	<p>É questionado às crianças quais as profissões que conhecem. A estagiária escreve numa cartolina o que vai sendo dito.</p>	<p>- Cartolina; - Marcadores;</p>	
<p>Desenho “O que quero ser quando for grande”</p>	<p>Depois de se sentarem nos seus lugares, é pedido às crianças que elaborem um desenho sobre a profissão que gostariam de exercer quando forem pessoas adultas.</p>	<p>- Folhas de papel; - Lápis de cor;</p>	
<p>Diálogo sobre as profissões</p>	<p>Depois dos desenhos feitos, serão apresentados ao grupo, um a um, identificando sempre a criança que desenhou para se saber se é menina ou menino. Posteriormente, é feita a pergunta “E se fosse um menino? Também poderia ter esta profissão?” de modo a desconstruir estereótipos que possam existir em relação ao tema.</p>	<p>- Desenhos realizados na atividade anterior.</p>	

Nota. Fonte própria

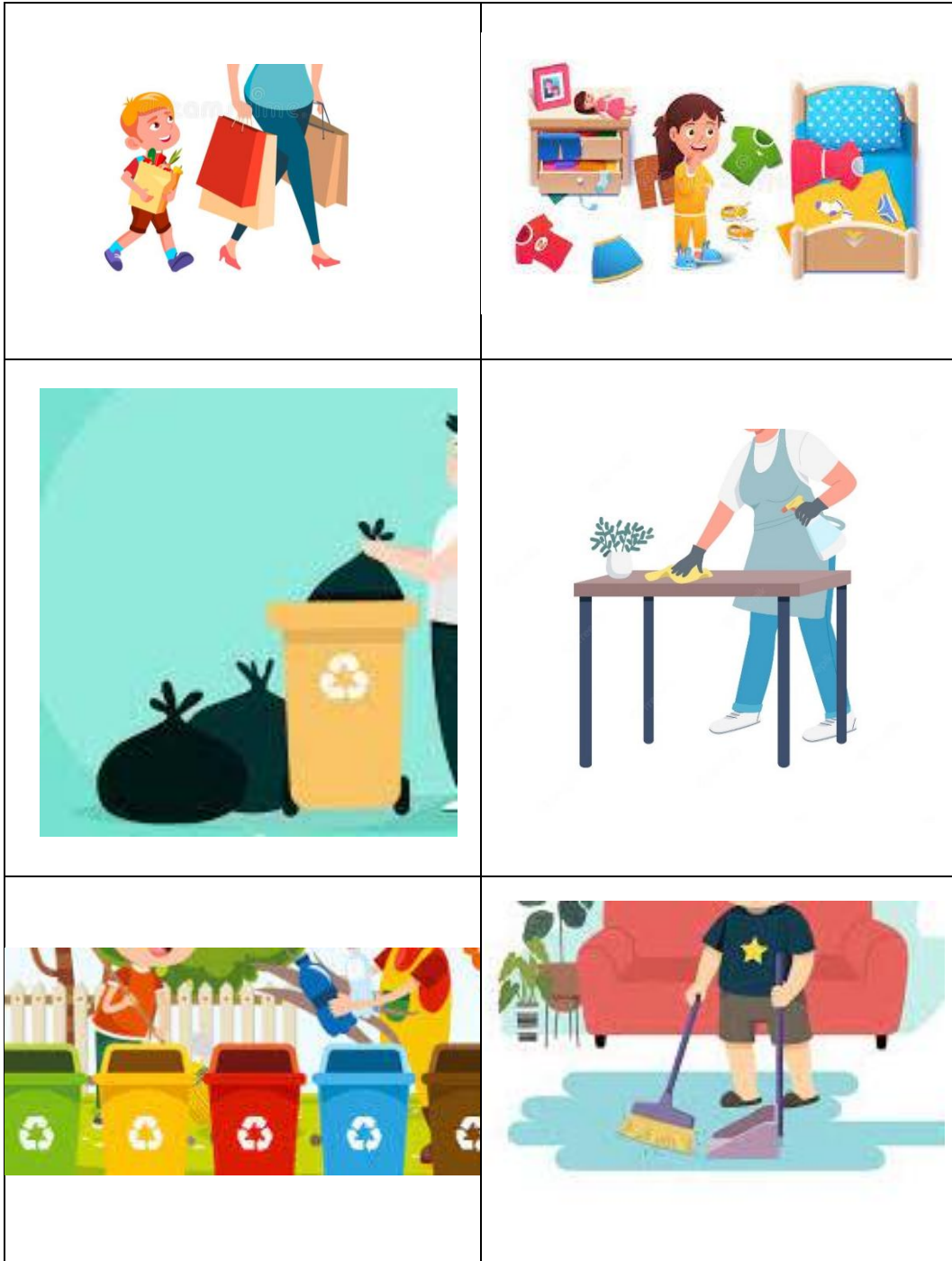
Apêndice III: Imagens utilizadas na atividade das tarefas domésticas

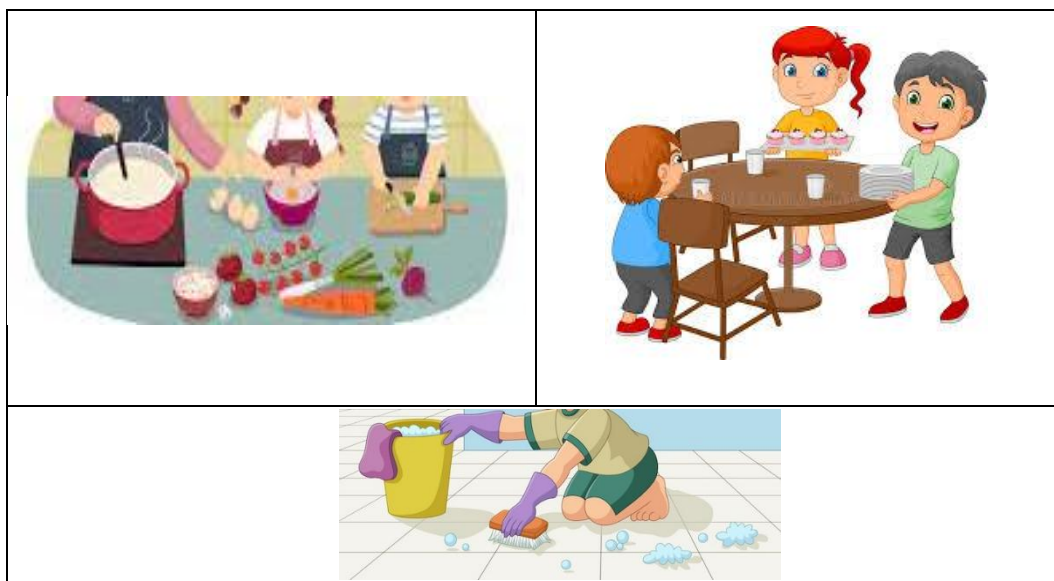
Tabela 7

Imagens da Sessão 1 (tarefas domésticas)







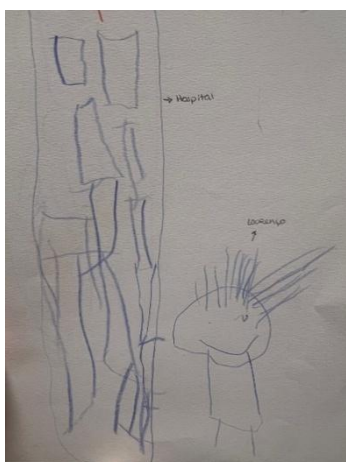


Nota. Imagens retiradas de uma pesquisa na internet

Apêndice IV: “O que quero ser quando for grande”

Figura 22

Desenho da criança L. (médico)



Nota. Fonte própria

Figura 23

Desenho da criança M. (pintor)



Nota. Fonte própria

Figura 24

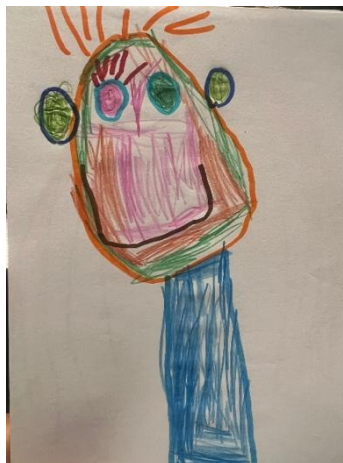
Desenho da criança A. (astronauta)



Nota. Fonte própria

Figura 25

Desenho da criança S. (cozinheiro)



Nota. Fonte própria

Figura 26

Desenho da criança B. (bombeira)



Nota. Fonte própria

Figura 27

Desenho da criança B. (médico)



Nota. Fonte própria

Figura 28

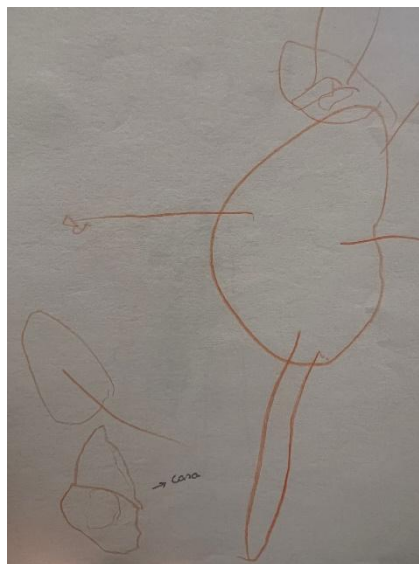
Desenho da criança C. (médica)



Nota. Fonte própria

Figura 29

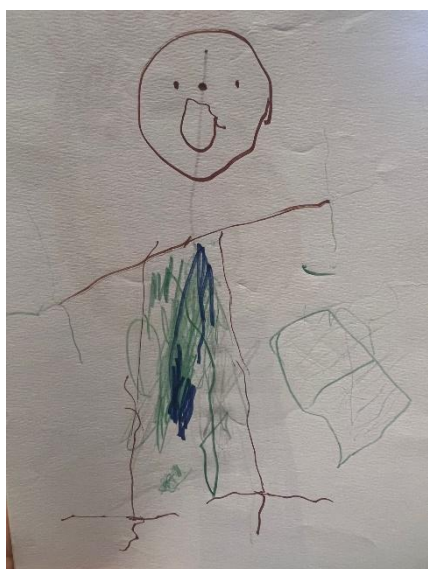
Desenho da criança D. (construtor)



Nota. Fonte própria

Figura 30

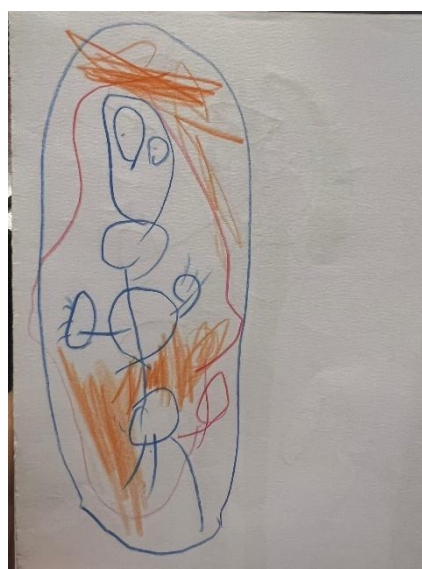
Desenho da criança D. (escritor)



Nota. Fonte própria

Figura 31

Desenho da criança D. (bombeiro)



Nota. Fonte própria

Figura 32

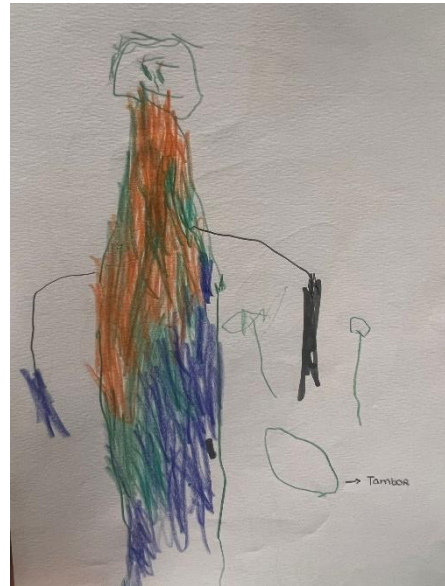
Desenho da criança G. (construtora)



Nota. Fonte própria

Figura 33

Desenho da criança H. (músico)



Nota. Fonte própria

Figura 34

Desenho da criança I. (professora)



Nota. Fonte própria

Figura 35

Desenho da criança I. (pintora)



Nota. Fonte própria

Figura 36

Desenho da criança S. (cozinheiro)



Nota. Fonte própria

Figura 37

Desenho da criança J. G. (pintor)



Nota. Fonte própria

Apêndice V: Questionário à Educadora Cooperante (preenchido)

1- O que entende por igualdade de género?

Igualdade para mim é proporcionar as mesmas oportunidades a todos, neste caso, homens e mulheres, ou meninos e meninas, tendo em conta o público-alvo. É tratar de igual forma, falar de igual forma, olhar e acolher de igual forma.

É contrariar todos os dias estereótipos e preconceitos que a sociedade e os meios de comunicação social, num país onde até há muito pouco tempo as meninas nem sequer iam à escola, bombardeiam ainda que de forma "silenciosa" ou pior, "pseudo-inconsciente".

2- Tem alguma formação sobre a temática?

Formação específica e estruturada não. Em algumas situações o tema foi abordado. Tive oportunidade e interesse em ler algum material a propósito de um trabalho de pesquisa para uma tese de mestrado do Educador Francisco.

3- Considera importante abordar este tema na Educação Pré-Escolar?

Claro que sim. É um tema fundamental e transversal que deve integrar o quotidiano do jardim-de-infância e, à semelhança de tudo aquilo que se faz ou vive na sala, deve ser partilhado com as famílias que são, muitas vezes, promotoras desses estereótipos...

4- Costuma considerar as questões de género nas suas planificações?

Talvez numa ou outra situação tivesse planificado determinada atividade com estratégias específicas para explorar o tema (por exemplo, solicitar às crianças que associassem tarefas de casa ao pai ou a mãe, ou questioná-las à priori sobre os vencedores de um jogo de competição "rapazes contra raparigas"...). No entanto o ambiente educativo, materiais e oportunidades são disponibilizados a todos de igual

forma, independentemente do género, tentando a equipa "contrariar" e explorar afirmações espontâneas das crianças como "essa saia não é dos rapazes" ou "as meninas só gostam de unicórnios"...

5- Como promove a igualdade de género nas atividades que desenvolve com as crianças?

Penso que já fui respondendo. Acho que nunca distingi atividades por serem de meninos ou de meninas. Se por acaso há alguma divisão ou organização do grupo orientada pelo adulto ou por iniciativa das crianças, nunca se valoriza o facto de serem rapazes ou raparigas. Privilegia-se o trabalho de equipa, entretida, a organização e o esforço daquela equipa/grupo para atingirem o objetivo.

6- Na sua opinião, as crianças demonstram discriminação de género no decorrer das atividades?

Sim, no quotidiano vamos observando evidências disso. Não de todas as crianças. E parece-me que à medida que vão crescendo se notam mais comportamentos de discriminação. Também pela maturidade, pelo conhecimento do próprio corpo, mas essencialmente porque os modelos (neste caso os contextos familiares/sociedade) lhes transmitem essa discriminação.

7- Os preconceitos surgem na maioria por parte dos meninos ou das meninas?

Ambos. Depende das capacidades, maturidade, experiências/vivências de cada um e não do seu género.

8- Tem conhecimento da existência do Guião de Educação: Género e Cidadania (Pré-Escolar)?

Sim. Tive contacto com o documento aquando de uma formação sobre as OCEPE.

9- Se sim, já realizou alguma proposta do guião? Se não, tem curiosidade em conhecer o guião?

Penso que não realizei nenhuma proposta específica do guião e sim, tenho interesse em conhecer melhor o guião e pôr em prática algumas propostas.

